

As crianças e o lazer em família¹

Children and leisure with the family

Los niños y el ocio en familia

Michelle Araújo Rocha²

Luciana Karine de Souza³

Resumo

São raros os trabalhos nacionais que tratam da relação entre família, criança e lazer. O presente trabalho descreve como crianças vivenciam o lazer com suas famílias. Participaram 41 crianças do quinto ano do Ensino Fundamental: a primeira metade delas de escolas públicas, enquanto a outra metade estuda em escolas privadas da cidade de Belo Horizonte. As crianças responderam a questões sobre o lazer em família, nos finais de semana, e a intensidade de insistência dos pais nas atividades descritas, bem como o gosto por elas. As crianças da escola privada citaram com mais frequência: comer fora de casa, ir ao shopping e ir ao clube. Ir ao parque municipal foi citado apenas por crianças da escola pública. São resultados que apontam diferenças na vivência do lazer em família, permeadas pelo nível socioeconômico das mesmas. O lazer da criança com sua família ainda está bastante atrelado ao que os pais preferem, bem como ao tempo livre dos mesmos.

Palavras-chave: lazer; crianças; família.

Abstract

Researches published in Brazil about the relationship among family, children, and leisure are rare. This study describes how children experience leisure with their families. Forty-one children attending the fifth grade of elementary school participated, half of them from a public school, and the other half from a private institution, both located in the city of Belo Horizonte. Children answered questions about: leisure with the family, during weekends, how intensively parents insisted on their participation, as well as how much the children enjoyed the activities proposed. Children from private schools mentioned more eating out, going to the mall, and going to the club. Only children from public schools mentioned going to the city park. These results point out to different ways of experiencing leisure with the family, intertwined with the socioeconomic status of the families. Children's leisure with the family is still very much linked to what parents prefer, as well as to their free time.

Keywords: leisure; children; family.

Resumen

Son escasos los estudios brasileiros que indagan sobre la relación entre familia, infancia y ocio. Este artículo describe cómo los niños experimentan el ocio con sus familias. Participaron 41 niños, de ambos sexos, que cursaban el quinto año de escuela primaria, la mitad de escuelas públicas y la otra mitad de escuelas privadas de la ciudad de Belo Horizonte. Los niños contestaron preguntas sobre ocio familiar, fin de semana, y la intensidad de la insistencia de los padres en las actividades descritas, así como el gusto por estas. Las actividades más citadas por los niños de las escuelas privadas fueron salir a comer, ir al centro comercial e ir al club. Ir al parque municipal fue citado sólo por niños de escuelas públicas. Estos resultados indican que hay diferencias en la experiencia de ocio familiar, influenciadas por el nivel socioeconómico. Las actividades de ocio del niño con su familia todavía están muy ligadas a lo que los padres prefieren, así como al tiempo libre de ellos.

Palabras-clave: ocio, infancia, familia.

¹ Este trabalho relata o segundo conjunto de dados inéditos de parte da dissertação de mestrado da primeira autora, sob orientação da segunda autora, do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer (PPGIEL) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Apoio: FAPEMIG, Fundep/Santander e PPG-Lazer/UFMG. Agradecimentos: E. Lourenço, A. C. G. Dias, L. C. Martins, T. L. de Carvalho, D. C. Silveira, escolas, pais e participantes.

² Psicóloga. Mestre em Estudos do Lazer pelo PPGIEL da UFMG. Endereço para correspondência: Avenida Antônio Carlos, 6627, FAFICH, Sala F-4050, Campus Pampulha, Belo Horizonte, MG, CEP: 31.270-901. Endereço eletrônico: michellerocha.pesq@gmail.com

³ Psicóloga. Doutora em Psicologia pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Docente permanente no PPGIEL da UFMG. Pós-doutoranda PNPd-CAPEs na UFRGS. Endereço eletrônico: lucianak@fafich.ufmg.br

Introdução

Já é bem (re)conhecido o papel do brincar no desenvolvimento infantil. A esse respeito, dedicaram-se, dentre outros autores, Jean Piaget e Lev S. Vygotsky, nos campos da Educação e da Psicologia, para explicar o desenvolvimento cognitivo e social da criança. Também Huizinga (1999) e Brougère (1998) têm sido referenciados nos estudos brasileiros dessa temática. No campo de estudos interdisciplinares em lazer, o brincar também é tópico recorrente ao se tratar da infância.

Na visão de Debortoli (1999), a criança é vista “como um sujeito que se produz (junto com outros atores sociais) no mundo, participante da construção de sentidos e significados: sujeito lúdico, sujeito do novo, sujeito criador, sujeito transformador” (p. 107). Mediante o brincar e das representações de mundo que essa atividade possibilita, a criança irá internalizar valores e regras de convivência com o universo social do qual faz parte, além de conhecer suas próprias limitações e habilidades e sua capacidade de comunicação (Debortoli, 2002). Segundo Leontiev (1988), “as primeiras ações lúdicas surgem com base na necessidade crescente da criança de dominar o mundo dos objetos humanos” (p. 135). Essa curiosidade natural característica pede por um sistema educacional que saiba ouvir seus desejos e necessidades de forma a garantir que sua autonomia e liberdade sejam respeitadas. A. Maslow (citado por Lyon, 1977) afirma:

na escola, devemos aprender a valorizar a ‘embriaguez’ da criança, seu deslumbramento, absorções, seu contínuo ar de surpresa ingênua, seu entusiasmo Dionisíaco... Tudo isso pode levar ...ao trabalho sólido, persistente, absorvente, fecundo e educativo. (p. XV).

Tomando a ludicidade e o brincar como características essenciais da infância, o que se observa atualmente é quase um desprezo por parte dos pais e das instituições educativas sobre a importância da brincadeira na vida das crianças, em função, principalmente, de um melhor preparo para a vida adulta. Essa desvalorização do brincar pode se apresentar como fator determinante das alterações manifestadas no cotidiano das crianças nos dias de hoje.

Interessantemente, apesar de muito já se ter pesquisado (e ainda se pesquisar) sobre o papel da família no desenvolvimento infantil e no brincar, pouco se sabe sobre o lazer da criança com sua família. Em especial, a busca de referências

bibliográficas para o presente trabalho encontrou um único estudo nacional sobre o tema com crianças típicas. O trabalho de Fantinato e Cia (2011) buscou investigar relações entre frequência de envolvimento parental, competência social e desempenho acadêmico em crianças escolares. Os resultados mostraram que “quanto maior a frequência de participação dos pais nas atividades escolares, culturais e de lazer dos filhos, maior o desempenho acadêmico das crianças” (p. 499). Parece, portanto, que, se os pais interagem com os filhos em situações de lazer, isso pode trazer resultados positivos para a relação da criança com seu tempo ocupado com a escola. Os demais trabalhos localizados envolvem crianças com problemas de saúde ou em condições adversas de desenvolvimento.

Outro estudo que se aproxima da relação lazer-família-criança é o de Levy e Jonathan (2010), que analisou a redação de 52 crianças de dez anos de idade com o tema “Minha família”. As crianças estudavam em escola pública ou em escola privada da cidade do Rio de Janeiro. Os resultados geraram a categoria “lazer”, por meio da qual as crianças se manifestaram diferentemente. As crianças de escola pública se referiram mais aos conflitos familiares e à união da família, ao passo que as crianças de escola privada salientaram mais a união familiar e o lazer em família. As crianças de escola particular associam o lazer em família ao final de semana, feriados e férias, ou seja, ao tempo de não-trabalho dos pais e às férias escolares.

O objetivo do presente estudo foi conhecer a percepção de crianças sobre o lazer no final de semana com a família fora do período escolar. Para tanto, optou-se por um delineamento investigativo exploratório e descritivo, e predominantemente qualitativo.

Procedimentos Metodológicos

Trata-se de uma pesquisa descritiva, exploratória e predominantemente qualitativa. O presente estudo contou com a participação de 41 crianças (metade meninas) de nove a dez anos de idade. Metade das crianças cursava o quinto ano de uma escola pública, enquanto a outra metade das crianças era de uma escola privada, ambas da cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais.

As crianças foram convidadas a responder a uma entrevista semiestruturada, individualmente, na escola, com dez perguntas sobre lazer. O presente estudo dedicou-se a analisar as perguntas relacionadas especificamente ao lazer em família (que corresponde ao segundo conjunto de dados inéditos da pesquisa de mestrado da primeira autora). O objetivo foi conhecer as práticas de lazer

realizadas nos finais de semana com a família, bem como a intensidade da insistência dos pais nessas práticas e o quanto a criança as aprecia. As crianças que aceitaram participar, e também cujos pais concordaram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, tiveram suas falas gravadas e posteriormente transcritas para realização da análise de conteúdo empreendida por duas pesquisadoras. A análise gerou a construção de categorias com base em unidades temáticas semelhantes em sentido. Buscamos inspiração em critérios fornecidos por Bardin (2009), mas os adaptamos especificamente para os propósitos desta pesquisa. As frequências das respostas nas categorias foram obtidas com indicação do sexo das crianças e do tipo de escola (pública ou privada). A pesquisa foi aprovada sob o parecer de ética em pesquisa número 0185.0.203.000-10.

Resultados

As crianças relataram quais atividades de lazer realizam com a família nos finais de semana. A Tabela 1 mostra as frequências de respostas nas categorias sobre as práticas de lazer realizadas pela criança participante nos finais de semana com a família, por gênero e por tipo de escola. Cabe mencionar que as categorias não são mutuamente exclusivas e que se buscou respeitar ao máximo o conteúdo das falas das crianças e também a sua frequência. Dessa forma, buscou-se um equilíbrio entre qualidades e quantidades na análise das entrevistas.

Tabela 1 - Práticas de lazer nos finais de semana com a família, por gênero e tipo de escola

	Meninas	Meninos	Escola pública	Escola privada	Total
Alimentação	13	12	10	15	25
Visitar parentes/amigos	10	12	12	10	22
Viajar	5	8	4	9	13
Receber visitas em casa	5	4	3	6	9
Brincar	5	5	4	6	10
Atividade física, esportes	1	4	2	3	5
Ir a festas	2	3	1	4	5
Andar de bicicleta	1	4	2	3	5
Assistir à TV/DVD	3	2	3	2	5
Fazer compras	1	-	-	1	1

As atividades relacionadas à alimentação incluíram respostas como: sair para lanchar, ir ao *McDonalds*, almoçar em família, comer muitas coisas com os pais, fazer churrasco, comer fora, ir a restaurantes/pizzarias/bares, fazer piquenique, almoçar/jantar no *shopping*, ir na pracinha e/ou tomar sorvete. Essas atividades com alimentação se distribuíram de modo uniforme entre meninos e meninas e entre os dois tipos de escola. Essa distribuição harmônica também foi observada na categoria sobre visitar parentes ou amigos.

Atividade física e esportes continham as seguintes respostas: jogar *paintball*, jogar futebol americano na praça, jogar peteca/bola, correr (na lagoa), rolar na grama, ir a uma quadra brincar de bola, andar de *skate* e/ou andar de patins. Apenas cinco, de 41 crianças, mencionaram este tipo de atividade com a família nos finais de semana. As viagens foram mais citadas pelas crianças de escola privada.

Quanto aos espaços das práticas de lazer com a família nos finais de semana, as respostas foram reunidas nas seguintes categorias temáticas:

- *Ficar em casa*: mãe faz algo diferente para comer, brincam com primos/família, assistem à TV, fazem “para casa” (dever de casa), pedem coisas para comer, alugam filmes, jogo no tabuleiro, fazem um almoço especial, descansam, fazem almoço e chamam pessoas, mãe faz almoço.
- *Atividades relacionada à Igreja*: ir a igrejas, futebol da igreja, evento “Rua de Lazer” organizada por pessoas da igreja.
- *Brincar na rua/praca*: pais levam os filhos para brincar em praças, mãe vai para a rua brincar com filhos, família vai junta para a praça.
- *Outras práticas fora do lar*: fazer compras, atividades relacionadas ao futebol, Mineirão, pai leva criança para vê-lo jogando bola, teatro, passear com cachorro, passear na Lagoa, sair para ver jogos, dormir na casa de amigos.
- *Outras práticas no lar*: dar uma “ajeitada” na casa, ajudar a mãe, descansar, jogar videogame.

Tabela 2 - Espaços das práticas de lazer com a família, por gênero e tipo de escola

	Meninas	Meninos	Escola pública	Escola privada	Total
Comer fora de casa	11	10	7	14	21
Ficar em casa	9	4	5	8	13
Ir ao <i>shopping</i>	9	4	2	11	13
Ir ao parque Guanabara	5	4	4	5	9
Ir ao parque Play City	3	4	4	3	7
Ir ao clube	3	3	-	6	6
Atividades com a igreja	4	2	3	3	6
Ir ao parque municipal	3	2	5	-	5
Ir ao parque ecológico	3	2	4	1	5
Zoológico	5	-	4	1	5
Cinema	3	2	2	3	5
Brincar na rua/prça	1	3	3	1	4
Ir a parques (outros)	3	1	4	-	4
Ira a sítios/fazendas	3	1	-	4	4
Outras práticas fora do lar	7	4	4	7	11
Outras práticas no lar	4	1	3	2	5
Conversar	-	2	1	1	2
Ir "tomar um ar"	-	1	1	-	1

A Tabela 2 mostra as frequências dos espaços envolvidos nas práticas de lazer com a família nos finais de semana. Comer fora de casa foi uma prática citada pelo dobro de crianças da escola privada na comparação com os participantes da escola pública. Ir ao *shopping* foi mencionado quase totalmente por meninas de escolas privadas. Ir ao clube foi algo referido apenas por crianças de escola privada, ao passo que ir ao parque municipal foi citado apenas por crianças da escola pública. Ir a outros parques da cidade sequer foi mencionado pelas crianças de

escola privada, que relatavam ir a sítios/fazendas, categoria que não obteve respostas das crianças de escola pública.

A questão seguinte buscou verificar se as crianças eram obrigadas a participar ou realizar determinadas atividades, com os resultados mostrados na Tabela 3 (cobrança dos pais na realização de atividades). Em 27 respostas, foi percebida a cobrança (insistência) dos pais para que as crianças participassem de atividades nos finais de semana propostas por eles.

Tabela 3 - Presença de cobrança dos pais na participação dos filhos nas atividades fora do período escolar, por gênero e tipo de escola

	Meninas	Meninos	Escola pública	Escola privada	Total
Pais cobram	14	13	12	15	27
Pais não cobram	07	07	08	06	14

As atividades que os pais insistem para que as crianças participem nos finais de semana estão descritas na Tabela 4. Há uma razoável variedade de práticas citadas pelas crianças embora com baixa frequência. A mais citada foi relacionada aos estudos

e percebe-se que foi mais mencionada por crianças da escola pública. Aulas de natação e de inglês foram apenas citadas por crianças de escola privada, que também constituíram a maior parte dos participantes que referiram outros tipos de aulas particulares.

Tabela 4 - Atividades que os pais cobram, por gênero e tipo de escola

	F	M	Pública	Privada	Total
Atividades acadêmicas: dever de casa, estudar, aprender, ganhar notas boas, passar de ano	4	4	7	1	8

Continua

	Continuação				
	F	M	Pública	Privada	Total
Natação	3	3	-	6	6
Inglês	5	-	-	5	5
Outras aulas: futebol, tênis, violão, balé, vôlei	2	5	1	6	7
Arrumar casa	4	-	4	-	4
Atividades diárias: vestir roupa para escola, acordar para comer, ajudar mãe	1	2	3	-	3
Ir para a Igreja	1	1	1	1	2
Não brincar longe de casa	-	1	1	-	1
Sair de casa para respirar um pouco	-	1	1	-	1
Ir pra casa dos outros	-	1	1	-	1
Insistem pra ficar em uma escola específica	-	1	1	-	1
Brincar na rua e de bicicleta	1	-	1	-	1

Nota: F = feminino; M = masculino.

A Tabela 5 mostra a intensidade da cobrança dos pais nas atividades e a Tabela 6 mostra o quanto a criança gosta dessas atividades. Apenas 26 crianças forneceram respostas para essas duas questões. É importante esclarecer que as notas foram dadas às atividades solicitadas com insistência pelos pais. Em

outras palavras, como se vê na Tabela 5, 15 crianças deram nota 5 para diferentes atividades que seus pais insistem para que participem. Dessa forma, muitas crianças relataram níveis diferentes de insistência (e de gostar) para diferentes atividades.

Tabela 5 - Percepção das crianças da intensidade da cobrança dos pais, por gênero e tipo de escola (n = 26)

Intensidade da cobrança	Meninas	Meninos	Escola pública	Escola privada	Total
1 (pouco)	2	1	1	2	3
2	2	3	4	1	5
3	5	5	4	6	10
4	2	3	3	2	5
5 (muito)	10	5	7	8	15

Como se pode observar na Tabela 6, quatro crianças não indicaram nota com número inteiro. Nesses casos, para fins de análise, a nota foi ajustada (por exemplo, de 4,9 para 5, e de 3,2 para 3). Pelas frequências observadas, ainda que sejam atividades

obrigatórias trazidas pelos pais, as crianças parecem gostar das mesmas, visto que muitas respostas informaram intensidade de apreciação de média (3) até superior (5).

Tabela 6 - Intensidade do gosto das crianças sobre sua participação nas atividades, por gênero e tipo de escola

Intensidade da cobrança	Meninas	Meninos	Escola pública	Escola privada	Total
1 (pouco)	4	2	1	5	6
2	3	2	3	2	5
3	8	4	6	6	12
4	12	9	14	7	21
4,5	3	3	-	6	6
Nota 5 (muito)	20	16	16	20	36

Discussão

Acredita-se na família como primeiro e principal núcleo social responsável por proporcionar às crianças as condições necessárias para que possam

se desenvolver de maneira sadia e não-traumática. Por isso, a participação nas atividades do tempo liberado, especialmente das figuras parentais, pode influenciar positiva ou negativamente nesse processo de crescimento.

É possível perceber indícios de como a relação pais e filhos tem se dado nos últimos anos. O contato entre eles parece acontecer de maneira temporária, como se os filhos fossem simples acompanhantes de pais que precisam realizar determinadas tarefas e não têm com quem deixá-los. “Sair com os pais” poderia ser um rico momento para compartilhar experiências, mas os exemplos dados pelos entrevistados estabelecem uma clara separação existente entre adultos e crianças, como se estas representassem o papel de coadjuvantes das ações dos primeiros, os protagonistas, ao terem de esperar pela mãe no salão de beleza ou no trabalho ou ir frequentemente ao *shopping* para satisfazer os desejos de compra da mãe.

Essa separação tem bases históricas se levarmos em consideração o fato de que na Idade Média não havia uma diferenciação muito clara entre a infância e o mundo adulto e que esse distanciamento passou a ocorrer quando as relações de trabalho, transformadas pelo capitalismo, exigiram que a educação – antes função da família – fosse mais especializada, a fim de adaptar os sujeitos às novas demandas (Jobim-e-Souza, 2000; Moukachar, 2004). Tais transformações, se somadas às fortes influências da cultura do consumo sobre as relações familiares, passam a determinar nos dias de hoje valores e dinâmicas de funcionamento das mesmas. O que acontece, segundo Jobim-e-Souza (2000),

é que aceitamos integralmente e visceralmente a cultura do consumo. Aprendemos a avaliar com perfeição a vida através dos objetos que circulam entre nós. Não são mais os outros, nossos semelhantes, que fornecem os elementos básicos para a constituição de nossas referências éticas e morais. (p. 93)

Houve uma mudança de paradigma e parece que tanto adultos quanto crianças perderam a referência do que lhes é importante e precioso.

Nota-se uma participação bastante pequena dos pais nas atividades próprias das crianças, como o brincar. Apesar de não ter sido feito um estudo que pudesse comparar gerações anteriores, acredita-se ser mais difícil nos dias de hoje ver pais inteiramente disponíveis brincando com seus filhos como fonte de prazer e lazer. Sobre esse aspecto, é preciso considerar também a faixa etária das crianças em questão, uma vez que crianças mais novas demandam uma participação maior dos pais em suas brincadeiras que os participantes desta pesquisa. As próprias crianças já internalizaram o discurso da falta de tempo frequentemente usado por seus pais para justificarem sua não-participação ativa nas

construções e experiências de seus filhos. Por exemplo, uma menina de escola pública, quando questionada sobre com quem brinca, disse ser com o irmão, pois a mãe não tinha tempo para brincar: “...é por que a minha mãe trabalha de manhã. Oito horas, ela sai pro serviço e ela não tem horário de chegar em casa”.

Esse não-envolvimento dos pais pode funcionar como um fator limitante do ato de brincar, uma vez que, segundo Müller, Rodrigues, Ribeiro e Pelegrini (2007),

a parte de transmissão de cultura lúdica que devia passar de adulto para criança está praticamente desaparecida pela falta de convivência dos pais e mães com os seus filhos e, por outro lado, por que os espaços institucionais de frequência das crianças não potencializam o mundo da brincadeira e dos brinquedos. (p. 3)

O contato verdadeiro entre esses atores sociais – que é marcadamente diferente de ocuparem um mesmo espaço, como a casa – é fundamental para a perpetuação dessa cultura lúdica (ver também Brougère, 1998). Sem ele, corre-se o risco de brincadeiras tradicionais se perderem no tempo, já que a transmissão de conhecimentos populares não teria um terreno fértil para sua proliferação. Jobim-e-Souza (2000) afirma que as relações entre pais e filhos estão hoje extremamente empobrecidas de verdadeiras experiências, “aquelas que nos orgulhávamos de contar quando nos sentíamos herdeiros de uma tradição” (p. 93).

A constatação desse fato é preocupante, pois esse seria um contexto privilegiado para fomentar boas relações entre pais e filhos, fortalecendo e aprofundando os vínculos afetivos entre eles. Nesse aspecto, talvez o lazer possa se apropriar de outra função: aproximar pais e filhos, construindo bases mais sólidas fundadas em valores humanistas que possibilitem o convívio pacífico entre pessoas e culturas diferentes, assim como para o exercício de uma cidadania consciente e crítica.

A pesquisa de Levy e Jonathan (2010) mostrou que as crianças de escola privada salientaram mais a união familiar e o lazer em família. As crianças de escola particular associam o lazer em família ao final de semana, feriados e férias, ou seja, ao tempo de não-trabalho dos pais e às férias escolares. Assim, a relação lazer-família, na percepção dessas crianças, mostra como o tempo prazeroso da família está dependente de datas e tempos específicos.

Ainda que não seja novidade, o presente trabalho mostrou que a companhia dos pais é muito querida e apreciada pelas crianças. Sobre isso, cabe

mencionar que algumas meninas da escola pública participam do trabalho doméstico de bom grado, pois veem nele a possibilidade de passar mais tempo com suas mães. Apesar disso, a qualidade dessa companhia, nos momentos em que ela acontece, tem sido duvidosa.

Embora exista contato entre pais e filhos em muitas atividades nos finais de semana, ele é muitas vezes marcado por práticas nas quais a criança não é prioridade. A participação dos pais parece estar dividida da seguinte forma: aqueles pais que têm a criança como coadjuvante, a exemplo da menina de escola pública que ajuda a mãe a pagar contas e fazer compras, e aqueles pais que praticam atividades do interesse dos filhos, como brincar de videogame ou de casinha, ajudar a tocar violão, levar na sorveteria etc.

O fato de a criança ser coadjuvante fica ainda mais evidente ao se observarem as práticas de lazer mais frequentemente desenvolvidas pelas famílias: atividades relacionadas à alimentação, como sair para almoçar, visitar parentes ou amigos (muitas vezes, amigos dos pais) e, em certa medida, ir ao *shopping*. Para ilustrar esse aspecto, uma menina da escola privada, ao relatar que gostaria de frequentar o zoológico mais vezes, compartilhou as barreiras existentes para que isso aconteça: *“Só que é difícil eu ir no zoológico.... Porque meus pais não têm muito tempo pra me levar e, às vezes, quando eu vou no shopping, é por que a gente precisa comprar alguma coisa ou então almoçar”*.

Os dados apresentados possibilitam pensar que, se poucas foram as atividades tipicamente infantis (brincar, andar de bicicleta, ir a parques, clubes etc.), cujo envolvimento dos pais se deu com significativa frequência durante os finais de semana, tal realidade poderia ser ainda pior durante a semana, já que esse tempo é constantemente permeado por questões relativas ao trabalho, trânsito, dinheiro, cansaço, frustrações etc. Assim sendo, é possível pensar que o contato e também a comunicação entre as famílias têm diminuído. Jobim-e-Souza (2000) afirma que “o convívio familiar se traduz na interação muda entre pessoas que se esbarram entre os intervalos dos programas da TV e o navegar através do éden eletrônico das infovias” (p. 94). A televisão assume novamente um papel central na intermediação entre adultos e crianças e as práticas realizadas durante seu tempo liberado do trabalho ou da escola.

A esse respeito, é pertinente retomar os levantamentos feitos por Njaine e Minayo (2004), que permitem perceber que o excesso de exposição à violência na mídia pode ser responsável por uma diminuição da comunicação familiar. Njaine e Minayo (2004) afirmam ainda que “a maioria dos estudos japoneses também estabelece uma relação causal entre o ato de ver violência na TV e o

comportamento agressivo, mas destaca a importância do ambiente familiar e das características da criança como fatores que influenciam nessa relação” (p. 205).

Mais uma vez, observa-se a importância do papel da família como núcleo responsável por dar a educação e o suporte apropriados aos filhos, a fim de que consigam se posicionar apropriadamente frente a questões adversas, como a violência, por exemplo. Acredita-se que o lazer seja um ótimo instrumento para que essas questões sejam abordadas de maneira natural, além de possibilitar o fortalecimento do vínculo entre esses membros, fundamental para a constituição dos mesmos como sujeitos. De acordo com Jobim-e-Souza (2000),

a criança precisa do adulto, enquanto um ‘alter’, como um ‘outro’ diferente, para se constituir como sujeito e se lançar continuamente para além de si mesma em busca de seus projetos e utopias. Por outro lado, a criança também encarna um ‘alter’ para o adulto. (p. 97)

A distância entre pais e filhos é também muito marcada por práticas individuais de lazer realizadas dentro do lar. Estimuladas pelo advento das novas tecnologias e também pelo fácil acesso a elas, tais práticas podem fazer com que o contato e a comunicação entre os indivíduos de uma família diminuam ainda mais significativamente. Uma menina estudante de escola privada relatou o que ela e sua família fazem no final de semana:

É... às vezes quando a gente aluga filme na sexta, geralmente tem que entregar na segunda, aí meu pai e minha mãe ficam assistindo o deles e eu e a minha irmã, a gente fica assistindo o nosso. E quando a gente não aluga filme, a gente vai lá pro... Eu e Carol, que é minha irmã, ela fica... a gente fica brincando.

Assim, parece pequeno o envolvimento familiar nas atividades tipicamente infantis de lazer e as crianças demonstram perceber que nem sempre poderão contar com a companhia dos pais para brincarem. As crianças também procuram seus pais para brincar, mas como nos dias de hoje isso também não se caracteriza como uma possibilidade constante – devido à falta de vizinhos ou à opção dos pais de terem somente um filho –, muitas dessas crianças têm que brincar sozinhas. Uma menina da escola privada, por exemplo, diz se sentir solitária e achar chato brincar sozinha; e, por falta de companhia, outra menina, de escola pública, diz até não brincar. Essa característica dos relacionamentos familiares e

das relações sociais modernas pode funcionar como ameaça à transmissão da cultura lúdica. Assim sendo, faz-se urgente a necessidade de intervenção de profissionais de diversas áreas do conhecimento, como a História, a Psicologia, a Educação e a Educação Física, assim como o Lazer, a fim de preservar essa parte tão importante da história cultural de cada localidade.

É curioso observar que a atividade cuja insistência dos pais é maior diz respeito às questões acadêmicas, como fazer o dever e estudar, e que a maioria desses são pais de crianças da escola pública. Disso, pode-se levantar a hipótese de que os pais dos alunos desse tipo de escola têm se preocupado mais com a educação formal de seus filhos que os pais de alunos da escola particular. Talvez, seja possível inferir que os pais de alunos da escola particular estejam mais tranquilos quanto à educação de seus filhos pelo fato de fazerem significativos investimentos financeiros, a fim de que a escola lhes proporcione o melhor.

A realização de atividades prazerosas envolvendo a família não se apresentou com significativa frequência. O envolvimento observado entre pais e filhos transmitiu a impressão de que acontecia de maneira superficial, haja vista que muitas vezes os filhos eram meros acompanhantes nas atividades que os pais tinham que realizar – atividades essas próprias da cultura contemporânea, discutida por Debortoli et al. (2008). Tais relações empobrecidas podem influenciar negativamente a educação que as crianças têm tido, pois a responsabilidade pela mesma passa a ser transmitida a terceiros, como professores ou babás e empregadas domésticas. Esse fato pode levar a uma perda da referência de autoridade da qual as crianças tanto necessitam para desenvolver sua personalidade.

Considerações Finais

O presente trabalho procurou mostrar a percepção de crianças sobre as práticas de lazer com a família nos finais de semana. Foi possível notar diferenças de gênero nos conteúdos das atividades, com as meninas citando mais atividades domésticas ou de ajuda à mãe, ao passo que os meninos citaram mais o brincar e as atividades na rua. Também se pode notar diferenças entre as crianças de escola pública e de escola privada, com essas últimas fazendo referência a atividades que requerem maior nível socioeconômico, como comer fora de casa, ir ao *shopping* e ir ao clube. As crianças de escola pública, por outro lado, mencionaram mais conteúdos como ir ao parque municipal com os pais e dedicar-se aos estudos no final de semana.

O estudo tem por limitações metodológicas o tamanho da amostra e a idade das crianças. Em primeiro lugar, foram investigadas as opiniões de crianças de uma única faixa etária (nove a dez anos) para evitar uma diversidade de respostas com níveis cognitivos diferentes. Crianças dessa faixa etária já têm condições de oferecer respostas com conteúdo abstrato, fazer comparações e falar de forma mais desenvolvida. Além disso, ainda não são púberes, o que também interfere nos conteúdos das respostas, visto que começa a surgir um interesse maior pelas relações com pares em detrimento das relações familiares, muitas vezes depreciadas na voz de (pré)adolescentes. Com relação ao tamanho da amostra, embora não sejam possíveis generalizações a partir dos resultados, entende-se que as qualidades superaram as quantidades no presente estudo. O interesse principal, ainda que frequências tenham sido calculadas, era conhecer os conteúdos que surgiriam a partir da percepção das crianças.

As implicações do presente estudo envolvem propostas de educação para o lazer com crianças e suas famílias. Não basta que propostas sejam delineadas somente com as crianças. O que este trabalho evidenciou foi não apenas o empobrecimento do tempo em que pais e filhos interagem. Foi possível perceber que um resgate do lazer em família é necessário e salutar para todos os envolvidos. Brincar é bom para a criança; melhor, quando os pais podem participar de parte disso. Espera-se que futuras pesquisas estudem mais a fundo essas questões, para que a percepção da criança sobre o lazer traga conteúdos mais próximos do seu ideal.

Referências

- Bardin, L. (2009). *Análise de conteúdo* (Ed. rev. e ampl.). Lisboa: Edições 70.
- Brougère, G. (1998). A criança e a cultura lúdica. *Revista da Faculdade de Educação (USP)*, 24(2), 103-116.
- Debortoli, J. A. O. (1999). Com olhos de crianças: A ludicidade como dimensão fundamental da construção da linguagem e da formação humana. *Licere*, 2(1), 105-117.
- Debortoli, J. A. O. (2002). As crianças e as brincadeiras. In A. Carvalho, F. Salles, & M. Guimarães (Eds.), *Desenvolvimento e aprendizagem* (pp. 77-88). Belo Horizonte: Editora da UFMG.

- Debortoli, J. A. O., Martins, M. de F. A., Martins, S., Senra, E. B., Pimenta, J. G. A., & Barbosa, R. S. (2008). As experiências de infância na metrópole. In J. A. O. Debortoli, M. Martins, & S. Martins (Eds.), *Infâncias na metrópole* (pp. 19-46). Belo Horizonte: Editora da UFMG.
- Fantinato, A. & Cia, F. (2011). Envolvimento parental, competência social e desempenho acadêmico de escolares. *Psicologia Argumento*, 29(67), 499-511.
- Huizinga, J. (1999). *Homo ludens: O jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva.
- Jobim-e-Souza, S. (2000). *Infância, violência e consumo*. Rio de Janeiro: 7 Letras.
- Leontiev, A. N. (1988). Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar (M. da P. Villalobos, Trad.) (5a ed.). In L. S. Vigotsky, A. R. Luria, & A. N. Leontiev (Eds.), *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem* (pp. 119-142). São Paulo: Ícone.
- Levy, L. & Jonathan, E. (2010). Minha família é legal? A família no imaginário infantil. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 27(1), 49-56.
- Lyon, H. C. (1977). *Aprender a sentir-sentir para aprender: Educação humanista para o homem completo*. São Paulo: Martins Fontes.
- Moukachar, M. B. (2004). *Representações da infância em jogos, brinquedos e brincadeiras*. Belo Horizonte: Newton Paiva.
- Müller, V. R., Rodrigues, J., Ribeiro, L., & Pelegrini, P. (2007). O brincar das crianças: Aproximações às culturas infantis. *Revista Digital (Buenos Aires)*, 11(104). Recuperado em 02 de julho, 2014, de <http://www.efdeportes.com/efd104/o-brincar-das-criancas-aproximacoes-as-culturas-infantis.htm>
- Njaine, K. & Minayo, M. C. de S. (2004). A violência na mídia como tema da área da saúde pública: Revisão da literatura. *Ciência & Saúde Coletiva*, 9(1), 201-211.

Recebido: 28/05/2014
 Reformulado: 02/07/2014
 Aprovado: 07/07/2014